



## Mitos e rituais: como alguns judaísmos olham alguns animais Myths and Rituals: How Some Judaism Look at Some Animals

**Marta Francisca Topel\***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil  
mftopel@usp.br

**Resumo:** Este artigo apresenta três dimensões distintas do judaísmo nas quais é possível observar os diversos papéis desempenhados por diferentes animais. Da narrativa bíblica, passando pelas rígidas regras da *kashrut* e pela análise do princípio judaico que obriga a tratar os animais com compaixão, o texto tenta mostrar os pilares fundacionais da tradição judaica que regem as relações entre humanos e animais.

**Palavras-chave:** Judaísmo. *Kashrut*. Mitologia.

**Abstract:** The paper presents three distinct dimensions of Judaism in which it is possible to observe the different roles played by different animals. From the biblical narrative, through the strict rules of *kashrut* and the analysis of the Jewish principle that obliges to treat animals with compassion, the text tries to show the foundational pillars of the Jewish tradition that govern the relationships between humans and animals.

**Keywords:** Judaism. *Kashrut*. Mythology.

### 1 Os animais, o destino da humanidade e a História de Israel

Ao longo do tempo e da geografia, os grupos humanos têm outorgado diferentes *status* e papéis aos animais. É só lembrarmos, como exemplo, dos gregos e dos Incas, dos yanomamis, do antigo Egito e da Europa Medieval. Aliás, seria muito difícil, quase impossível, pensar numa cultura na qual os animais estivessem completamente ausentes dos rituais, dos mitos e de taxonomias elaboradas por diversos motivos para cumprir diferentes funções. A onipresença dos animais na história humana é indiscutível.

A bíblia hebraica pode ser lida, também, como um dos primeiros bestiários registrados por escrito, tal é a quantidade e especificidade dos animais mencionados, suas múltiplas funções e seu uso como metáforas e parábolas. Já em *Gênesis* nos é narrada a apoteótica história do dilúvio e da arca de Noé, mais adiante encontramos a águia

---

\* Antropóloga, professora do Departamento de Letras Orientais e do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo.



como alegoria de Nabucodonosor (Ez 17), os múltiplos animais utilizados como metáfora no *Cântico dos Cânticos* e o uso figurado das ovelhas e do cordeiro como alegoria do Rebanho de Deus recolhido do exílio e posteriormente redimido na Terra Prometida (Ez 34). A lista é mais longa e inclui, além de muitos outros, o bezerro de ouro, exemplo emblemático da idolatria do povo de Israel (Êx 32) e o carneiro usado como oferenda no Templo.

Não menos importante é a classificação dos animais em puros e impuros que, como fora estudado por diversos pesquisadores, constituiu a base para a criação das leis dietéticas judaicas, servindo de fundamento para a distinção entre aquilo que é puro e aquilo que é impuro, o que é profano e, por isso, é estranho a Israel, o povo escolhido por Deus para ser um povo de sacerdotes, um povo sagrado.<sup>1</sup>

No artigo, “El Tanaj, bestiário ancestral”, Guzik estuda as formas por meio das quais algumas culturas da Antiguidade construíram mitos, outorgando características específicas a determinados animais. Para a autora, essas criaturas não são apenas exercícios imaginativos; elas expressam os medos, as paixões e as esperanças daqueles que os criaram. Assim, o unicórnio é símbolo da pureza, da inocência e até da virgindade enquanto o Minotauro exprime as consequências trágicas do incesto e da luxúria. Os dragões, por sua vez, têm diferentes significados nas culturas chinesa e nórdica, sendo que na primeira são benfeitores e protetores da humanidade e na segunda constituem uma ameaça para as princesas desavisadas.<sup>2</sup>

No que diz respeito à Bíblia, Guzik afirma:

[...] além do significado simbólico outorgado aos animais nos textos bíblicos, observamos que nessas bestas e seres fantásticos, que podem ser produto da imaginação, se projetam medos, temores e esperanças de quem escreveu há 2.500 anos os livros que compõem o a bíblia hebraica.<sup>3</sup>

Nos últimos anos, o interesse no estudo dos animais a partir de abordagens inovadoras tem desafiado os estudiosos da bíblia hebraica a criar interpretações das perícopes nos quais aparecem animais naquele que é o primeiro livro canônico do judaísmo. O desafio maior é pensar as histórias nas quais são mencionados animais a partir de uma perspectiva que não seja antropocêntrica, outorgando, assim, agência e status moral aos animais. São inúmeras as pesquisas que se afinam nessa tendência e muito interessantes – e originais- as conclusões às quais chegam.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. DOUGLAS, 1966; MILGORM, 1991.

<sup>2</sup> GUZIK, 2011.

<sup>3</sup> GUZIK, 2011, tradução nossa.

<sup>4</sup> HOWARD, 2008; SHERMAN, 2020; SHEMESH, 2010.



Sherman, em *The Hebrew Bible and the 'Animal Turn*, observou, no que define como a “virada animal” nos estudos da Bíblia hebraica,<sup>5</sup> que humanos e animais ou, usando a terminologia da maioria dos pesquisadores dessa nova geração, animais humanos e animais não humanos, se aproximam de diversos modos. Não podemos esquecer que tanto Adão quanto todas as outras criaturas foram criados da mesma substância, *adamá* (em hebraico: terra), e são animados pelo mesmo “sopro” de origem divina, *nefesh* (em hebraico: o nível de alma compartilhado por animais e humanos). Pareceria, então, que esse parentesco entre os seres humanos e os animais é central para o relato da criação.

Yael Shemesh, pesquisadora da Universidade de Bar-Ilan, defende uma releitura do texto bíblico desprovida de antropomorfismo, questionando, desse modo, os grandes exegetas da Bíblia hebraica. Seu artigo “And Many Beasts” (Jn 4:11): The Function and Status of Animals in the Book of Jonah”<sup>6</sup> constitui um mergulho original no texto bíblico tendo como bússola o status e o papel dos animais em diferentes livros da narrativa bíblica. Fica claro que, apesar de suas singularidades, os animais são agentes divinos com objetivos definidos. A autora classifica o papel e o status dos animais na Bíblia hebraica em quatro grandes categorias.

A primeira delas diz respeito aos que atuam como sinais de milagres e tem como exemplos mais relevantes o burro falante de Balam (Nm 22: 28-30), e as varas de Moisés (Ex 4:3) e Arão (Ex 7: 8-12) que se transformam em serpentes para impressionar o povo de Israel e, ao mesmo tempo, assustar o Faraó. Nessa categoria também estão incluídos os animais que têm a função de pressagiar eventos, geralmente agindo contra a sua própria natureza. Os cães que se abstiveram de uivar na noite anterior ao Êxodo dos israelitas do Egito, impedindo que fossem descobertos, (Êx 11:7), constituem um exemplo paradigmático deste grupo. Na segunda categoria foram incluídos os animais que desempenham uma função didática, como o burro de Balaão, que, ao contrário de seu mestre, vê o anjo do Senhor e reprova o profeta por seu tratamento abusivo (Nm 22:25-30). Do ponto de vista didático, a analogia entre o animal e o mestre que, de algum modo, se burla dele, ensina que é Deus quem dá a todas as criaturas o poder de olhar, e que não foi pelos seus próprios poderes que Balaam alcançou sua visão miraculosa.<sup>7</sup> No quarto grupo, Shemesh inclui os animais que são usados como instrumentos de punição. As pragas do Egito seriam o exemplo mais conhecido, mas existem outros, como as múltiplas vezes em que aparecem leões para atemorizar diferentes figuras bíblicas. Assim, em 2 Rs 17:25, Deus envia leões contra os colonos de Samaria porque não lhe temem como deveriam, e em 1 Rs 13:24, um leão mata o homem que violou a proibição divina de jantar em Betel. Em outras passagens bíblicas, cães e pássaros servem como meio de punição divina ao devorar cadáveres de

---

<sup>5</sup> SHERMAN, 2020.

<sup>7</sup> SHEMESCH, 2010, p. 6-7.



transgressores mortos. O último grupo da classificação elaborada por Shemesh,<sup>8</sup> está composto por animais que servem como meio de salvação e libertação. Assim, por exemplo, em 1 Rs 17:6, lemos que os corvos levavam a Elias pão e carne pela manhã e carne ao anoitecer quando estava na torrente de Querita; enquanto em Êx 23:28 consta que Deus empregou uma praga de vespas para subjugar os cananeus ajudando, desse modo, os israelitas. Um outro exemplo é o que narra que carruagens de fogo e cavalos protegeram Eliseu das tropas aramaicas (Rs I 6:17).

## **Pequenos e não tão pequenos, mas monstruosos: cães e insetos na cosmologia rabínica**

As relações do judaísmo, e dos judeus, como o reino animal não se esgota no “bestiário” bíblico, e encontramos nas codificações dos exegetas da Idade Média, da Modernidade e dos tempos atuais novas interpretações sobre suas funções e as relações (interditos e distância) que devem manter os judeus com os animais não humanos. Nas próximas linhas, analisarei o caráter ameaçador de alguns animais, tendo como base a bibliografia sobre o tema e os resultados da minha última pesquisa.<sup>9</sup> Trata-se, pontualmente, de certa aversão que os judeus ortodoxos, seguidores do judaísmo rabínico, demonstram diante dos cachorros, por um lado, e dos insetos, por outro.

No artigo intitulado humoristicamente de “Na Old Dog’s New Tricks”, assinado por Judy Brown, pseudônimo de uma jornalista ortodoxa que por razões óbvias preferiu ficar no anonimato, nos defrontamos com as peripécias da autora para se aproximar de um cãozinho que passeava no bairro no qual morava quando era criança. Em suas palavras:

Quando eu era uma garotinha, havia coisas tão claras quanto a luz do sol, como o mar que Deus abriu apenas para os judeus. Uma dessas coisas era que os cães eram criaturas desprezíveis. Eles eram assustadores e sujos, com dentes como facas e patas com garras, rasgando a carne do osso do jeito que eles fizeram com os judeus no Holocausto.<sup>10</sup>

Os cães eram impuros, impuros e ferozes, seus olhos – tão escuros ao redor das pupilas – eram como os de um demônio. Apenas os gentios gostavam de cães, tendo estranho conforto nos animais; bons judeus ficaram longe.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> SHEMESH, 2010, p. 7-8.

<sup>9</sup> TOPEL, 2022.

<sup>10</sup> Cf. BROWN, 2013, tradução nossa.

<sup>11</sup> BROWN, 2013.



Quem conhece as cidades e bairros ortodoxos de Israel, mais tarde ou mais cedo, observa que a natureza é alheia a eles, tanto se pensarmos em árvores nas ruas, praças ou parques, como em cachorros passeando com seus donos. Quem, por diferentes razões, tem ou teve certo convívio com os judeus ortodoxos, sabe que os pets não formam parte dos lares dos judeus observantes e que há um grande desconhecimento no que diz respeito a eles. Esta constatação não é fortuita: a ausência de cachorros nos lares ortodoxos, incluso numa época em que os pets têm se transformado em parte da família ocidental, tem justificativas históricas. Justificativas bíblicas.

De fato, na bíblia hebraica os cães são descritos como criaturas desprezíveis que devem ser evitadas porque suas características são negativas. Em Dt 23:19, parece haver uma equivalência entre cães e prostituição, uma vez que, se um deles for usado para pagar por um animal, isto é, se alguém oferecer um cachorro ou sexo em troca de uma cabra, o animal comprado não pode ser oferecido como sacrifício no Templo. Em Reis encontramos várias referências a cães que se alimentam de cadáveres,<sup>12</sup> e nos *Salmos*<sup>13</sup> os cães são descritos como bestas que atacam os seres humanos.

O Talmud e o posterior compêndio de codificações medievais deram seguimento à visão bíblica e, apesar de existirem diferenças entre as opiniões dos diversos sábios,<sup>14</sup> a concepção dos cães como perigosos e os numerosos alertas para mantê-los à distância é uma constante. Como bem explica o Rabino Rabbi Jonathan Wittenberg, nos tempos talmúdicos, os cães eram frequentemente portadores de raiva, o que, de algum modo, justificaria esse receio.<sup>15</sup> Por sua vez, cachorros comumente serviam como cães de guarda, tanto de rebanhos quanto de fronteiras, o que fazia deles animais ferozes. Outra ideia muito difundida era que os latidos dos cães assustavam os mendigos, impedindo os judeus de fazerem *Tzedaká*<sup>16</sup> além de fazerem mulheres grávidas correr o risco de abortarem. Na tradição mística judaica, os cães são símbolos do demoníaco. No Zohar, texto central do misticismo judaico, está escrito que o mal no mundo é como um cão feroz em uma longa coleira.

Feita esta brevíssima passagem pela visão judaica sobre os cães, não chama a atenção que as tentativas de Judy Brown de se aproximar de um cachorrinho que passeava com sua dona não judia num bairro ortodoxo dos Estados Unidos na década de 1960 tenham sido censuradas e proibidas com determinação pelos pais. A possibilidade de

---

<sup>12</sup> “Os cães devorarão Jezabel no campo de Jezreel; não haverá quem a enterre” (2 Reis 9:10).

<sup>13</sup> “Cães me cercam” (Sl 22:16).

<sup>14</sup> Para uma análise das diferentes concepções rabínicas em relação aos cães, consulte-se: JACHTER, 1992.

<sup>15</sup> WITTENBERG, 2019.

<sup>16</sup> *Tzedaká* é preceito que exige de o judeu ajudar os mais pobres e necessitados.



contaminação por meio do contato com cachorros, de alguma forma, os equipara ao tabu.

Simultaneamente, existem numerosos empecilhos religiosos, isto é, regras na Lei judaica, que colocam obstáculos para quem deseja, apesar de tudo, ter um cachorro. O principal deles é que, segundo a *Halachá*, cães são considerados *muktze* e, por isso, devem ser respeitadas todas as leis pertinentes a esse tipo de itens. *Muktze* é um conceito que qualifica alguns itens que devem ser manuseados com certas restrições ao longo do *shabat*. Assim, por exemplo, cães podem ser tocados, mas não movidos do âmbito privado ao âmbito público durante o descanso sabático, enquanto dinheiro, pedras e galos não podem sequer ser tocados. A definição do espaço público e do espaço privado depende da cidade ou bairro em questão, mas é possível afirmar que nas últimas décadas, as cidades da diáspora com maior concentração de judeus, como São Paulo e várias cidades dos Estados Unidos e da Europa, tentaram amenizar a vida dos judeus observantes ampliando as dimensões do espaço privado. Isto foi alcançado através da criação de *eruvim*, do hebraico, pl. de *eruv*. O *Eruv* é uma linha imaginária estabelecida por autoridades rabínicas que cerca uma região determinada pertencente a um bairro com alta concentração demográfica de judeus. O espaço dentro da linha deixa de ser espaço público transformando-se, por meio dessa estratégia, em espaço privado.<sup>17</sup> Desse modo, o *eruv* permite que ao longo do *shabat* os judeus observantes carreguem objetos na rua quando se dirigem à sinagoga ou visitam algum parente.

Existem, também, considerações relacionadas com alimentar os cachorros, como a proibição de alimentá-los com rações que contenham proteína animal misturada com derivados do leite<sup>18</sup> ou a que proíbe alimentar um cachorro com ração que contenha qualquer tipo de levedo nos oito dias da Páscoa judaica.<sup>19</sup> Igualmente importante é o interdito de remover os órgãos sexuais de animais, sejam fêmeas ou machos, prática amplamente difundida na atualidade.

Entretanto e apesar de todos esses empecilhos, em seu erudito artigo sobre os *pets* na contemporaneidade, o Rabino Jachter conclui:

A maioria das autoridades haláchicas permite a posse de animais de estimação inofensivos. Um dono de animal de estimação, no entanto, é confrontado com muitos problemas haláchicos, mas com os devidos cuidados e atenção pode-se superar esses problemas com relativa facilidade.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> TOPEL, 2012.

<sup>18</sup> Uma das leis da *kashrut* proíbe misturar carne dos animais permitidos com leite e derivados.

<sup>19</sup> Durante a Páscoa judaica, é proibido comer e possuir qualquer tipo de levedo em casa.

<sup>20</sup> JACHTER, 1992, p. 9.



Muito menores que o menor dos cães são os insetos, mas não por isso são menos ameaçadores para um judeu observante que deve cumprir à risca as leis da *Halachá*. Porque segundo a *Halachá* é proibido ingerir insetos, vivos ou mortos, inteiros ou partes de insetos. Esses interditos não são novos, mas é novo tê-los colocado no centro das preocupações de quem leva uma dieta kasher. Assim, os cuidados com alimentos considerados *parve* (neutros do ponto de vista da *kashrut*, isto é, que não são carne nem leite ou derivados e, como consequência, não apresentariam maiores problemas em eventuais misturas) tem crescido exponencialmente nas últimas décadas. Como consequência dessa mudança, frutas, verduras, grãos, leguminosas, geleias e farinhas (embora a lista seja muito mais longa) devem ser revisadas com esmero seguindo regras minuciosas para descartar qualquer possibilidade de nelas encontrar insetos. No caso das verduras, hortaliças e frutas, para ter certeza de que eles estão livres de qualquer espécie de bichos, importantes codificadores de Israel e das diásporas aconselham o uso de instrumentos de precisão como lupas e negatoscópios. O lavado dos vegetais, por outro lado, também deve seguir regras precisas e ser, se isso fosse possível, exaustivo.

Esta inovação causou mudanças na dieta kasher dos judeus ortodoxos e, como corolário, exerceu algumas modificações nas suas práticas. Basicamente, alimentos que durante séculos não foram considerados problemáticos<sup>21</sup> e que os judeus podiam compartilhar em uma refeição com gentios, passaram a ser alimentos muito problemáticos. Diante dessa realidade, as autoridades *haláchicas* tiveram de regulamentar essa nova área da *kashrut*, se assim posso me expressar, para evitar que os judeus observantes cometam transgressões. Na década de 1980, nos Estados Unidos, uma comissão de expertos em insetos, encabeçada pelo Rabino Yosef Eisen, foi incumbida de coletar dados sobre as pragas mais difundidas nos plantios de vegetais dos Estados Unidos para auxiliar os supervisores de *kashrut* e a dona de casa na supervisão de insetos nos alimentos.<sup>22</sup> Alface romana, brócolis, couve-flor, espargos, morangos e uma longa, longuíssima lista de vegetais, foram catalogados como problemáticos, e diferentes e minuciosos modos de lavá-los para desinfetá-los foram divulgados em livros, artigos e vídeos difundidos na internet. Peneirar farinhas com peneiradoras de diferentes tamanhos e usar detergentes no lavado têm se transformado em parte da rotina dos judeus ortodoxos, e grande parte do trabalho dos supervisores de *kashrut* em indústrias e em hotéis, restaurantes e bares *kasher*, é dedicado à procura de insetos. Como assinala Fishkoff, “supervisionar vegetais frescos à procura de infestação por insetos toma a maior parte do tempo de um supervisor de

---

<sup>21</sup> Durante o trabalho de campo realizado para a minha pesquisa sobre as leis dietéticas judaicas, compreendi que “problemático” tem se transformado numa categoria da *kashrut* e diferentes alimentos são classificados como problemáticos ou não problemáticos.

<sup>22</sup> FISHKOFF, 2010, p. 169.



*kashrut* nos restaurantes”.<sup>23</sup> Confirmei isso quando, ao longo do trabalho de campo em Jerusalém em 2015, acompanhei uma supervisora de *kashrut* para observar de perto seu trabalho em restaurantes, quiosques e bares da cidade.

Qual seria a ameaça que contêm ou da qual são portadores os pequenos bichos que, nos lembra a Bíblia hebraica, são proibidos como alimento tanto se forem rastejadores, nadadores ou voadores? E por que a questão dos insetos tem se transformado numa área de tamanha importância nas últimas décadas?

Quando em Jerusalém fiz essa pergunta ao Rabino Moshe Vaya, detentor do honorífico título de “Legislador de Insetos de Nossa Geração”, ouvi que se a proibição de ingerir carne de porco equivale à transgressão de um preceito, quem ingere insetos comete até seis transgressões, como se consumisse seis pedaços de carne de porco. Isso acontece porque na *Halachá* há cinco mandamentos que proíbem a ingestão de insetos. E embora esteja escrito que só é proibido ingerir involuntariamente insetos ou parte de insetos, no afã de evitar quaisquer ambiguidades ou erros, e como parte da agenda de uma ortodoxia que tem se radicalizado a partir do século XIX, os grandes rabinos aconselham tomar todos os cuidados possíveis em relação aos insetos.

A trilogia do Rabino Moshe Vaya sobre os insetos<sup>24</sup> (da qual existe um brevíssimo resumo em português) transmite de diferentes modos o perigo inerente aos insetos. Uma das estratégias para atingir esse objetivo são fotografias ampliadas de insetos milimétricos que ocupam páginas inteiras do livro e que despertem no leitor rejeição, asco e a convicção de manter-se longe dessas criaturas.

#### **4 A compaixão com os animais: da bíblia à contemporaneidade**

Uma terceira dimensão da relação entre os judeus e os animais<sup>25</sup> é encontrada no princípio *tzar baalei chaim*, do hebraico, literalmente: o sofrimento dos animais), interpretado como ter compaixão com os animais. Segundo este princípio é proibido causar sofrimento inecessário aos animais, embora exista um atenuante: si estiver em jogo uma necessidade humana que não pode ser suprida ou alcançada por outros meios que não sejam causar sofrimento aos animais, deve ser permitido causar esse sofrimento. Decidir quando uma necessidade humana exige transgredir o princípio do *tzar baalei chaim* não é tarefa fácil porque embora as pessoas raramente discordem de princípios racionais gerais, costumam discordar em como colocá-los em prática em

---

<sup>23</sup> FISHKOFF, 2010, p. 167.

<sup>24</sup> VAYA, M. *Bedikas Hamazon: Laws and Practical Methods for Checking*. Jerusalem, Feldheim, 2010.

<sup>25</sup> As perspectivas a partir das quais analisar as relações dos judeus e do judaísmo com os animais são muitas e dependem, também, da originalidade das perguntas que ousam fazer os pesquisadores de diferentes disciplinas.



situações específicas.<sup>26</sup> Como em outras áreas de incumbência da *Halachá*, as dúvidas ou receios em como aplicar o princípio do *tzar baalei chaim* acumulou uma longa série de respostas.

As origens do princípio de mostrar compaixão com os animais se encontram na bíblia hebraica, o que demonstra uma cosmovisão extremamente avançada da relação animais humanos / animais não humanos, uma vez que não há registro de outras culturas da Antiguidade que tenham legislado levando em consideração tamanho respeito para com os animais. Além do mais, o princípio do *tzar baalei chaim* é considerado tão importante que consta nas leis noéticas. As leis de Noé ou leis noéticas foram ditadas após o Dilúvio como regras éticas para toda a humanidade. Da perspectiva judaica, os gentios devem seguir as leis noéticas e os judeus, os 613 preceitos. A sexta lei de Noé (em hebraico: *ever min ha-chai*) proíbe maltratar os animais e é interpretada como a permissão de matar animais só para alimentar-se.

Com o objetivo de que o leitor tenha uma noção mais aprofundada da relevância e abrangência do princípio judaico de tratar os animais com compaixão, citarei em extenso um trecho de um texto da *yeshivá AishHa'Torá'*, no qual são enunciados os preceitos relativos a evitar causar sofrimento aos animais. Assim:

- a. É proibido causar dor aos animais – *tzaarba'alei chaim*. (*Talmud – Baba Metzia* 32b, baseado em Êx 23: 5);
- b. Somos obrigados a aliviar o sofrimento de um animal, mesmo que o animal pertença a nosso inimigo. (Êx 23: 5);
- c. Se um animal depende de você para se sustentar, você é proibido de comer qualquer coisa até alimentar o animal primeiro. (*Talmud - Brachot* 40a, com base em Dt 11: 15);
- d. Recebemos a ordem de conceder aos nossos animais um dia de descanso no *Shabat*. (Êx 20: 10);
- e. É proibido usar duas espécies diferentes para puxar o mesmo arado, pois isso é injusto com o animal mais fraco. (Dt 22: 10);
- f. É uma *mitzvá* mandar embora uma ave do ninho antes de tomar seus filhotes. (Dt 22: 7);
- g. É proibido matar uma vaca e seu bezerro no mesmo dia. (Lv 22: 28);
- h. É proibido cortar e comer um membro de um animal vivo. (Gn 9: 4);

---

<sup>26</sup> ZIVTOFSKY, 2012, p. 74-75.



- i. O abate ritual (a *shechitá*) deve ser feito com o mínimo de dor para o animal. A lâmina deve ser examinada meticulosamente para assegurar a forma de morte mais indolor possível. ("*Chinuch*" 451; "*Pri Megadim*" – Introdução às Leis *Shechitá*);
- j. A caça de animais por esporte é vista com séria desaprovação por nossos Sábios. (*Talmud* – *Avoda Zara* 18b; "*Noda BeYehuda*" 2-YD 10),

A leitura atenta desses preceitos nos brinda uma ideia relativamente clara da importância que os redatores da bíblia hebraica deram à relação entre homens e animais e da sensibilidade que mostraram ao lidar a respeito. Ao longo de séculos a tradição judaica foi aprimorando o princípio do *tzar baalei chaim* como resultado das perguntas e problemática seu afloraram com os novos modos de vida. Entre muitíssimos exemplos, acreditei especialmente interessante mencionar a resposta do Rabino Isserlin (1390-1460) à pergunta se é permitido arrancar as penas mais novas de um ganso para uso doméstico já que elas são mais macias que as penas que o ganso perde uma vez por ano. A resposta do rabino destaca que, se bem tecnicamente não é proibido arrancar as penas jovens do ganso, é um ato cruel que os judeus evitam fazer, ao que acrescenta que é possível ser punido no mundo vindouro por um ato permitido, mas cruel.<sup>27</sup>

Na cosmovisão judaica, a caça é desencorajada e, a partir da Idade Média, começa a ser vista como uma ocupação alheia aos judeus e ao espírito judaico. Assim, a caça de animais selvagens para alimento não faz sentido uma vez que, segundo a *Halachá*, só é permitido consumir animais que foram abatidos ritualmente seguindo as minuciosas regras do abate. O objetivo dessas regras é causar o menor sofrimento possível ao animal, o que não aconteceria se ele fosse atravessado por uma flecha. Tão importante quanto isso e num nível menos técnico e mais espiritual e fundacional para o judaísmo, é lembrar que os caçadores não tiveram um papel de prestígio na narrativa bíblica. Assim, o Rabino Ezekiel Landau (1713–1793) afirma: “Não encontramos menção de caçadores (nas escrituras), exceto Nimrod e Esaú, conseqüentemente, a caça não é o caminho dos filhos de Abraão, Isaac e Jacó...”<sup>28</sup> Um século mais tarde, para ilustrar que a caça é uma ocupação alheia aos judeus, o Rabino Salomon Freehof (1892-1990) lembra que Walther Rathenau, ministro das Relações Exteriores da República de Weimar, não participava dos grupos de caça organizados pelos aristocratas alemães por achar a caça “cruel e repulsiva para o senso judaico de misericórdia”.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> ZIVTOFSKY, 2012, p. 74.

<sup>28</sup> Cf. SCHWARTZ, 2022.

<sup>29</sup> Cf. SCHWARTZ, 2002.



A visão dos rabinos mencionados perdurou e a caça é proibida pela maioria de codificadores contemporâneos; o mesmo acontece com as touradas. Em relação a estas últimas, o Rabino Ovadia Yosef (ex Grande Rabino sefaradi de Israel) as qualificou como parte de uma “cultura pecadora de pessoas cruéis”. Apoiando-se no princípio do *tzar baalei chaim*, o Rabino Yosef foi além afirmando que uma vez que não existe nenhum benefício humano numa tourada além do entretenimento, não há qualquer brecha que permita causar o menor dos sofrimentos a esses animais.<sup>30</sup>

Entretanto, a atividade que hoje produz mais sofrimento aos animais por suas características intrínsecas é a produção de carne. O ritmo nas granjas e nos frigoríficos modernos, cujo objetivo é a maximização da produção, faz difícil, se não impossível, respeitar as detalhadas regras *haláchicas* para o abate dos animais. A crueldade sistemática inerente à produção de proteína animal levou a que rabinos contemporâneos, tanto ortodoxos como liberais, chamassem a atenção para o fato de que a carne proveniente desses espaços não é idônea para o consumo dos judeus apesar de ser vendida como carne *kasher*. A justificativa por trás desse veredito é a violação do princípio que exige demonstrar compaixão com os animais.

A circulação de carne não *kasher* vendida como carne *kasher* (tanto em Israel quanto nas grandes comunidades da diáspora) foi um dos achados mais importantes do trabalho de campo para a minha pesquisa sobre a *kashrut*.<sup>31</sup> E embora as consequências desse fenômeno tenham influência em numerosas áreas do judaísmo ortodoxo, neste espaço me limitarei a mencionar o fenômeno e restringirei a análise a como algumas lideranças religiosas, conscientes das sistemáticas violações do princípio do *tzar baalei chaim* nas granjas e frigoríficos modernos, alertam para que seus fiéis façam mudanças nas condutas alimentares para demonstrar respeito pelo princípio que obriga todo judeu a ter compaixão com os animais.

Chegados neste ponto é importante assinalar que o objetivo de regras precisas para o abate é evitar ao máximo o sofrimento do animal, levando-o à rápida inconsciência e insensibilidade através da sua degola ainda vivo (corte das artérias carótidas e veias jugulares). Para a realização do abate se utiliza uma faca especial, denominada *chalaf*, que apresenta quase meio metro de comprimento, é extremamente afiada e deve ser verificada reiteradamente por um *bodek* (verificador de facas). No que se refere aos galináceos, o ritmo voraz da produção industrial de frangos e ovos impede que o processo de abate seja levado à prática seguindo a Lei judaica. De fato, os tempos *haláchicos* e os tempos das indústrias da carne são diferentes. Por outro lado, a *kashrut*, com sua lista de animais proibidos para o consumo dos judeus, além das múltiplas regras para abater os animais permitidos, tem como objetivo um consumo moderado

---

<sup>30</sup> ZIVOTOFSKY, 2012, p. 77.

<sup>31</sup> TOPEL 2022.



de carne, enquanto o objetivo da indústria moderna de carne é que os consumidores comam a maior quantidade de proteína animal.

Diante dessa situação, tanto em Israel como nos Estados Unidos, países com as maiores comunidades judaicas, vozes cada vez mais numerosas (embora ainda marginais) começaram a questionar a *kashrut* da carne vendida como *kasher*. O questionamento desses rabinos vai além do maltrato aos animais pouco antes do abate e critica a precariedade e o maltrato dos animais nas granjas nas quais são criados. Em Israel, os rabinos Assa Keisar e Amnon Ytzchak, por intermédio de diferentes meios como palestras, livros e blogs, têm alertado o público ortodoxo sobre essa realidade, estimulando-o a levar um estilo de vida vegetariano ou vegano. Segundo ambas as autoridades religiosas, comer carne no século XXI é transgredir os mandamentos relativos à *kashrut*.

No seu livro dedicado à descrição e análise das múltiplas facetas e dimensões do princípio do *tzar baalei chaim*, o Rabino Assa Keisar expõe os detalhes da crueldade com a qual são tratados os animais dos quais se obtém carne e lembra que cortar o bico dos pintinhos sem anestesia, esmagar os pintinhos vivos até a morte com engrenagens de ferro, eletrocutar galinhas adultas até a morte, separar os bezerros de suas mães imediatamente após o nascimento<sup>32</sup> e confinar os bezerros em gaiolas estreitas com mobilidade mínima constituem graves transgressões do princípio do *tzar baalei chaim*. Keisar acrescenta que relatórios e documentários sobre a realidade das granjas industrializadas são preocupantes porque revelam graves transgressões à Torá, fenômeno que trouxe à tona uma nova problemática para o mundo religioso: a questão da validade da carne *kasher*. Reiteradamente, expressa uma pergunta incisiva: como é possível que a carne supostamente *kasher* consumida nas comunidades ortodoxas tenha sido obtida como decorrência de uma série de violações do princípio do *tzar baalei chaim*?

As respostas a essa interrogação são complexas; mas este não é o espaço para refletir sobre elas. Entretanto, considere de máxima importância mencionar este fenômeno como meio de ilustrar as problemáticas que a produção industrial de carne trouxe aos judeus ortodoxos<sup>33</sup> que, no final das contas, ao consumi-la, estariam violando os preceitos relativos à *kashrut* com todas as consequências de tamanha transgressão.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Segundo a *Halachá*, não se deve separar o cabrito da mãe antes do sétimo dia do nascimento.

<sup>33</sup> No livro *O sagrado e o impuro no judaísmo: lei, comida e identidade*, 2022, aprofundo-me no estudo nas consequências que o processo de industrialização da carne produziu na dieta dos judeus ortodoxos, e como os produtos provenientes das granjas e frigoríficos industriais tem colocado em xeque a *kashrut* da carne consumida nas comunidades ortodoxas.

<sup>34</sup> Para uma reflexão acerca destas questões, cf. TOPEL, 2022.



As mesmas preocupações deram origem à criação do movimento *eco-kasher*, iniciativa de rabinos norte-americanos. O movimento urge os judeus observantes a ponderar considerações ambientais e de bem-estar animal antes de consumirem a carne *kasher* que chega a suas mesas. Entre algumas ações sugeridas pelo movimento se destacam a substituição do selo *kasher* pelo selo *hechsher tzedek* (do hebraico, certificação justa) que ateste que para a produção dessa carne foram considerados todos os fatores relativos ao princípio de compaixão com os animais, como o tratamento dado aos animais antes de morrer e no momento do abate. Este novo selo, que começou a circular em pequenas lojas norte-americanas, também considera o impacto no meio-ambiente e um trato justo aos trabalhadores envolvidos em todo o processo de produção de carne.<sup>35</sup>

## A modo de conclusão

As páginas acima são o resultado de um crescente interesse em compreender o papel dos animais na nossa tradição e no nosso cotidiano. E se bem que desde tempos imemoriais as diversas e diferentes mitologias tenham outorgado espaço e até protagonismo aos animais, a sociedade ocidental, reiteradamente e de diversos modos, tem os colocado num status inferior ao do ser humano. De algum modo, o papel dos animais se restringe a nos proporcionar comida, entretenimento, companhia, guarda, defesa e a servir como objeto de experimentação em laboratórios.

Esse paradigma tornou-se obsoleto nas últimas décadas e, a partir de abordagens e disciplinas das mais diversas, pesquisadores alertam para o fato de repensarmos a dualidade humanos/animais (ou, usando suas categorias, animais humanos/animais não-humanos), com todas as consequências implícitas nesse modo de conceber o mundo. Para autores como Peter Singer (2010) e Gary L. Francione (2013), tratar os animais como coisas e, conseqüentemente, infringir lhes sofrimento de modo sistemático, é condenável do ponto de vista ético e deveria ser parte de um paradigma amplamente superado.

Numa sintonia similar, Zivotofsky, assinala que nos últimos anos, vários países têm promulgado leis que contemplam o bem-estar dos animais, tanto no âmbito da produção de carne, como na regulação de touradas, brigas de galos e de cachorros, além de leis rígidas em relação à caça e à experimentação com animais de laboratório. Os autores se valem de um conhecimento sólido da Lei judaica e das ramificações que o princípio do *tzar baalei chaim* originou através dos séculos para sugerir que conceitos e princípios judaicos importantes em relação a um tratamento mais respeitoso e empático dos animais se constituam numa das bases de inspiração e aprendizado para filósofos, juristas e defensores de animais que almejam criar regulamentações mais

---

<sup>35</sup> REGENSTEIN, 2008, p. 15.



justas. A tradição judaica, repetem os autores, tem séculos de experiência nessa questão e muitas contribuições para fazer.

Os Estudos dos Animais ou a Virada Animal, como costumam denominá-los alguns autores, penetraram diferentes áreas de conhecimento, inclusive a pesquisa da bíblia hebraica e, como fora mencionado no início do texto, concebem os animais como sujeitos da História e da realidade que nos afeta hoje. Essas abordagens partem do princípio de os animais constituírem seres sencientes. No que se refere à Bíblia hebraica, numa análise que tem como objetivo superar o antropocentrismo que caracterizou durante séculos os Estudos Bíblicos, Howard defende uma leitura na qual a cobra e o jumento de Balaam são apresentados como mediadores da revelação divina, possuindo um relacionamento mais próximo com Deus do que suas contrapartes humanas.<sup>36</sup> O crítico vai além ao afirmar que o parentesco de animais e humanos permite a comunicação entre as espécies, inclusive uma comunicação sobre coisas divinas. Não podemos esquecer, por outro lado, que as mensagens dos profetas são inseparáveis da vida dos animais e imagens e metáforas de animais são elementos potentes da retórica profética.<sup>37</sup>

A piedade em relação aos animais é, como vimos, um pilar antigo da tradição judaica, tanto se focarmos na dimensão mitológica ou simbólica, como se o fizermos na dimensão da prática. O princípio do *tzar baalei chaim* não só se consolidou ao longo dos séculos, mas se diversificou e ampliou para dar conta das novas realidades que enfrentou o povo judeu em seu longo exílio. Mas já no século XI, Maimônides, o grande filósofo e codificador, se adiantando séculos aos filósofos contemporâneos, explicou com as seguintes palavras por quê é proibido separar o bezerro da mãe antes do sétimo dia do nascimento:

Não há diferença entre a dor humana e a dor do restante dos seres vivos, já que o amor de uma mãe pelo filho e a saudade dele não dependem do raciocínio, mas da atividade dos registros mentais (*koachmedamé*), registros que se encontram na maioria dos seres vivos assim como nos humanos.<sup>38</sup>

A razão deste preceito é transparente: não infringir crueldade aos animais, cuja capacidade para o sofrimento é similar à dos humanos. Colocar a senciência como critério para justificar a consumação de um preceito religioso demonstra o quanto a tradição judaica se preocupou com o bem-estar dos animais e quanto essa tradição se adiantou ao que só seria discutido e abraçado por outras culturas em meados do século XX. Diante dessa realidade, a obsessão com os insetos, que ronda como uma nuvem

---

<sup>36</sup> HOWARD, 2008, p. 29.

<sup>37</sup> SHERMAN, 2020, p. 40.

<sup>38</sup> MAIMÔNIDES, 2021, tradução nossa.



cinza o universo ortodoxo, poderia ser interpretada como uma tendência que provavelmente desapareça em pouco tempo e/ou fique relegada ao esquecimento.

## Referências

BROWN, J. An Old's dog, New Tricks. *Forward*, maio 2013.

DOUGLAS, M. Atonement in Leviticus. *Jewish Studies Quarterly*. v. 1, 1993-1994.

DOUGLAS, M. *Purity and danger: An analysis of concepts of pollution and taboo*. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.

FISHKOFF, S. *Kosher Nation: Why More and More of America's Food Answers to a Higher Authority*. New York: Schoken, 2010.

FRANCIONE, G. L. *Introdução aos direitos dos animais: seu filho ou seu cachorro?* São Paulo: Editora UNICAMP, 2013.

GUZIK, O. El tanaj, bestiario ancestral. *Diario Judío de México*, Cidade do México, 10 fev. 2011.

HOWARD, C. Animal Speech as Revelation in Genesis 3 and Numbers 22. In: HABEL, N. C.; TRUDINGER, P. (ed.). *Exploring Ecological Hermeneutics* (SBL Symposium Series; Atlanta, GA: Society of Biblical Literature), 2008.

JACHTER, H Halachic Perspectives on Pets, *Journal of Halacha & Contemporary Society*, n. XXIII, Spring, 1992.

KEISAR, A. *Não colocarás obstáculos na frente de um cego: O que está escrito na Torá, Profetas, Escritos, Mishná, Talmud, primeiros e últimos sábios sobre o derramamento de sangue dos seres vivos*. Jerusalém, 2017-2018.

MILGROM, J. Leviticus 1-16. *The Anchor Bible*. New York: Double-Day, v. 3, 1991.

REGENSTEIN, L. Commandments of Compassion: Jewish Teachings on Protecting Animals and Nature. *The Human Society of the United States*, s/d. Disponível em: [https://www.humanesociety.org/sites/default/files/archive/assets/pdfs/faith/commandmentsofcomp\\_3\\_08.pdf](https://www.humanesociety.org/sites/default/files/archive/assets/pdfs/faith/commandmentsofcomp_3_08.pdf). Acesso em: 12 mai. 2022.

SCHWARTZ, M. M. *Hunting: How It Became Un-Jewish*. TheTorah.com. Disponível em: <https://thetorah.com/article/hunting-how-it-became-un-jewish>. Acesso em: 12 maio 2022.

SHEMESH, Y. And Many Beasts (Jonah 4:11): The Function and Status of Animals in The Book of Jonah. *The Journal of Hebrew Scriptures*, 10, 2010.

SHERMAN, P. The Hebrew Bible and the 'Animal Turn'. *Currents in Biblical Research* 2020, v. 19 (1).

SINGER, P. *Libertação animal*. São Paulo: Martin Fontes, 2010.



TOPEL, M. O "eruv" na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil: novas estratégias de demarcação do espaço judaico. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo: USP, n. 10, 2012.

TOPEL, M. F. *O sagrado e o impuro no judaísmo: lei, comida e identidade*. Rio de Janeiro: Telha Editora, 2022.

VAYA, M. *Bedikas Hamazon: Laws and Practical Methods for Checking*. Jerusalem: Feldheim, 2010.

WITTENBERG, J. To the Rabbis Who Banned Jews from Owning Dogs: You Must Be Barking. *Haaretz*, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2019-07-29/ty-article-opinion/.premium/to-the-rabbis-who-ban-dogs-and-call-their-owners-accursed-you-must-be-barking/0000017f-e633-d62c-a1ff-fe7b450c0000>. Acesso em: 13 maio 2022.

ZIVOTOFSKY, A. Z. *et al.* The Development of a Religious Animal Welfare Code and its Relevance for Contemporary Civil Laws. *Journal of Animal & Natural Resources Law*, v. 3, 2012.

-----

Recebido em: 23/07/2022.

Aprovado em: 28/08/2022.